



casadesarmiento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmiento | © Sociedade Martins Sarmiento

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmiento@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt

O GRANDE ARTISTA

LEANDRO BRAGA

O nome do artista Leandro Braga, que foi o nome de alguém, adormeceu já, contadas duas dúzias de anos após a sua morte, sob a poeira de um prolongado e injusto esquecimento. Duas gerações passaram sem que mais tivesse sido prestada uma homenagem ao artista que, no âmbito largo do seu género decorativo, foi o primeiro dos profissionais ilustres do seu século. Passaram duas gerações enredadas de ignorância a quem êste nome, uma vez evocado por algum espírito particularmente dedicado ao amor da sua terra, tem de longe merecido a estranheza de uma interrogação. Pois quem seria êsse Leandro Braga? E a esta pergunta, que por outro significativo aspecto representa o estímulo que os vivos podem julgar da costumada consideração portuguesa para com os mortos, ainda até hoje, desde que êle partiu, não respondeu uma só palavra do Estado, das corporações de Belas Artes ou outra qualquer entidade pública ou particular. Leandro Braga está morto da mais escura morte que é possível imaginar-se.

Contudo, o santeiro e entalhador insigne merecia, ainda que apenas pela natureza de utilidade da sua obra, pertencer ao número dos que vivem por uma grande memória agradecida. Ele foi, repito, dentro da sua profissão, na escala ampla do seu género, o mais ilustre artista do seu tempo. Ombro a ombro com Rafael Bordalo Pinheiro, o que um idealizou e construiu com o barro, idealizou-o e construiu-o o outro na madeira. O *téque* de um, sem dúvida muito distinto, não era todavia maior do que a goiva do outro. Ambos os instrumentos mereciam permanecer

coroados de louros. Mas ao passo que o colorido sugestivo da cerâmica caldeza conseguia reunir o interesse ou antes prender a atenção toda exterior do nosso público — sem que isso possa considerar-se a consagração condigna do talento de Rafael Bordalo — a obra em madeira, menos explícita para o grande número e, por circunstâncias de fortuna para o nome de Leandro Braga, quasi toda isolada na propriedade particular, declinou rapidamente, a ponto de estar constituindo o apagamento gradual e constante dos aplausos que ao grande artista legitimamente lhe cabia continuar merecendo. Assim, hoje, apenas em meia dúzia de corações, como numa cripta onde o oiro dos valores humanos não morreu e apenas representa descansar, a áurea de Leandro Braga vive ainda ao brilho tranqüilo de uma admiração permanente, embora limitada.

*

O frade que o revelou ao pai pelas suas extraordinárias faculdades artísticas conversou d'êste modo o modesto armador de igrejas:

— André, êste menino tem grandes luzes de espirito, mercê da graça de Deus. Manda-o tu para terra maior e onde o seu engenho floresça. Agora mesmo o vi, tam pequenino ainda, copiar na madeira com singular curiosidade aquela imagem do devoto Gonçalo!

E frei Luís de Braga, capelão da Misericórdia, arrancou das mãos envergonhadamente fechadas do pequeno, para a mostrar a André de Sousa Braga, uma tabuinha esculpida.

O frade pôs-se a rir de alegria, e o armador a chorar de ternura...

Corria o ano de 1853, e nêle, com apenas catorze de idade, partiu Leandro Braga da sua terra, a Cidade dos Arcebispos, para Lisboa.

Depois d'êste episódio que particularmente me foi contado — visto que mais tarde o grande artista folgava de o repetir às suas filhas — tenho no mais que me cingir aos apontamentos de um seu biógrafo e às impressões que directamente recolhi pelo exame de alguns dos seus trabalhos.

De Braga a Lisboa, em 53, seguiu, é claro, por

caminhos e montes, sobre um macho de almocreve adornado com arreios de trança verde e amarela, de estação pelas estalagens para comer e dormir, levando o guia, a tiracolo, um bacamarte, prevenido para o que desse e viesse. Mas, enfim, lá chegaram um dia. Começou a vida numa oficina e estudou desenho. Três anos decorridos o Inácio Caetano, seu primeiro mestre no officio de entalhador, e mestre a valer, deu-lhe de boamente o título de official, sendo a obra de prova a execução a decoração da tribuna real no teatro de S. Carlos. Bem o dizia ao pai o frade da Misericórdia! Passam mais nove anos, surge com vinte e três de idade, e vamos encontrá-lo a colaborar com o escultor Calmels na realização do Arco do Triunfo, no Terreiro do Paço. Pelo mesmo período, Calmels modela o dossel da Câmara dos Pares, e Leandro Braga logo o executa em madeira, acrescentando ao conjunto, por desenho próprio, a esplêndida cadeira da presidência. Revela-se enfim um artista de raça, ganha admiradores, trabalha, caminha. Chega o ano de 1866, e, terminadas as obras há pouco referidas, sacode-se, abrindo *atelier* na calçada do Combro. Vinha das mãos académicas de Calmels e dedica-se por isso às esculturas, em madeira, de carácter religioso. O rei D. Fernando adinira-o, e sempre que se atreve a subir para o convento dos Paulistas a calçada tam perigosa pelas vénias dos caiadores pretos e a morrinha dos mendigos concorrentes ao lausperene diário, o rei desce a custo pela porta baixa da traquitana, mergulha de novo a custo na oficina humilde do artista, levanta-se coíando a pera, cumprimentam-se e conversam. E' o rei viúvo, no seu afixionamento romântico pelo mundo da produção artística — aliás tam pobre pelo valor individual como útil pela circunstância mundana do Meceenas — quem introduz Leandro Braga na Ajuda e, uma vez na Ajuda, como na tribuna romana, o mostra vitoriosamente a Lisboa e ao país. Foi então que D. Pedro V, uma vez murmurada a estrofe sentimental com que Deus nêle quis sintetizar o leve canto de um cisne coroadado, adormeceu tranqüilamente sob algumas lágrimas honradas, sobretudo as de Herculano. D. Fernando preexistia. No trono português começou flamando a bela cabeça shakespeareana da filha de Vítor Manuel.

Passados tempos Leandro Braga decora na Ajuda a sala de jantar, o *atelier* e o quarto de *toilette* da rainha D. Maria Pia. O artista ganha então o dinheiro que quer. Está consagrado. Bem o dizia ao pai o frade da Misericórdia!

Entra-lhe pela porta dentro uma decoração para a sala de jantar, em Cascais, dos Duques de Palmela. A oficina desenvolve-se e êle trabalha incessantemente. O Marquês da Foz encomenda-lhe uma mesa Luís XVI, e tam entusiasmado ficou ao receber o seu móvel que resolveu desde logo premiar Leandro Braga com uma viagem pelo estrangeiro. Partem os dois a percorrer a França e a Inglaterra. O artista, tendo estudado, regressa maior. Mais trabalho, o trabalho sempre. O conde de Cabral requere uma mobília de sala de jantar, tipo do século XVI, e entre as peças vai um aparador monumental que dir-se há, pela sua magnífica integridade, ser uma obra fundida e cinzelada em bronze. E entretanto toma às mãos a obra que deveria constituir o mais belo reflexo do seu talento. Está reunida no Palácio Foz. Primeiro é a escada; depois o gabinete Renascença; em seguida a grande sala de baile; por último, a sala Luís XVI. Já apagado do número dos vivos, o que sentiria no outro mundo o frade da Misericórdia!

Em todo o caso dedica-se, descansando, a outros trabalhos mais leves, embora de não inferior responsabilidade. Chega o centenário de Camões, em 1880, e êle decora o carro das Sciências. No centenário do Marquês de Pombal, dois anos depois, encarrega-se do carro das Artes. Por sua vez, a quando da tentativa de consagração a Afonso de Albuquerque, apresenta um projecto de monumento que merece louvores públicos. E o frade a rezar por êle!

Mas volta logo saudável ao mobiliário. Estava fatigado dos trapos e sentia cada vez mais funda necessidade do seu lápis e da sua goiva. Por isso entrou logo nos trabalhos de decoração e mobiliário para o salão, a casa de jantar, um gabinete e uma capela da casa de Frederico Biester, em Sintra. O Marquês da Foz, seu velho amigo, encomenda-lhe mais uma secretária em ébano e carvalho. Encarrega-se da execução de uma poltrona em pau santo e marfim para o Sr.

Mendes Monteiro. O grande architecto Gaspar remodela o palácio dos Marquesses de Castelo Melhor e Leandro Braga é encarregado de todos os trabalhos de decoração.

Em 1888 o eminente escultor Soares dos Reis executa, por prémio de admiração, o seu retrato.

Sobe sempre; é uma escada enorme a dos seus triunfos. Tendo sido pedida a filha dos Condes de Paris para o então Príncipe Real D. Carlos de Bragança, o artista Leandro Braga, que tem já cinqüenta anos de idade e um nome amplamente laureado, encarrega-se da decoração de algumas salas do Palácio de Belém e executa o leito nupcial dos régios noivos, no estilo Luís XV. A depois rainha de Portugal, Sr.^a Dona Amélia de Orleans, encomenda ao grande artista uma mesa, em madeira dourada, do estilo greco-romano, que Leandro Braga lhe entrega nas condições e no aspecto de uma verdadeira jóia de arte. Por fim toma conta do mobiliário para o palácio dos Duques de Palmela, ao Rato. Saem ainda das suas mãos alguns móveis esplêndidos. Mas não termina a encomenda. Um dia, com cinqüenta e oito anos de idade e quarenta e três de trabalho, súbitamente, Leandro Braga morreu.

A sua província natal devera cobrir-se de cinza naquele dia.

*

Mas a obra magnífica de Leandro Braga cedo foi esquecida.

Sobretudo torna-se doloroso que nem sequer o Estado, pela repartição directora do ensino industrial, tenha até hoje empreendido a tarefa de uma justa consagração a esta personalidade que, a desejar-se leccionar um dia a evolução das artes decorativas portuguesas, será das primeiras com justiça a pôr em foco.

Com relação ao seu século, sem dúvida alguma. Mas representaria essa consagração o quê?

Alguma coisa de muito singelo e de muito justo.

Bastaria que o Estado começasse a interessar-se a sério pelo largo merecimento técnico da obra de Leandro Braga, e daí fácil lhe seria chegar a uma conclusão acerca da natureza de utilidade que, para as gerações

operárias em ensino industrial, essa mesma obra viria de futuro a resultar.

Em tal circunstância, o Estado inteligente, o Estado culto, o Estado evolucionador dar-se-ia à tarefa de mandar catalogar toda a obra do exímio artista. Esse catálogo, competentemente acompanhado de um exame crítico, constituiria matéria a leccionar nas escolas industriais do país acerca da evolução, entre nós, das artes decorativas. Simultaneamente, a obra total de Leandro Braga seria sujeita, se não à reprodução em gesso, directa, de cada um seu elemento — como era útil para constituir subsídio a qualquer futuro museu do género — pelo menos à sua total reprodução pela fotografia, sob série de variados e os mais numerosos perfis, trabalho este que se completaria com uma rigorosa tiragem de cotas e um estudo sobre os materiais empregados e seu processo de estilização.

Deste modo a personalidade artística de Leandro Braga avultaria com um prestígio público em tudo digno do seu excepcional talento.

Publicado o estudo crítico há pouco referido e postas a circular por todas as escolas industriais do país as reproduções fotográficas e as séries técnicas relativas à proporção e execução de cada peça de mobiliário, é evidente que a matéria não só representaria novidade e agrado para muitos professores e todos os alunos, mas viria também a dar um grande impulso às artes decorativas — aliás, tam exóticas de expressão e tam apoucadas de mérito, entre nós, na hora presente.

E esta seria a homenagem mais digna do grande coração português de Leandro Braga.

ALFREDO GUIMARÃES.